

O sítio de Murteira 6 (Mombeja - Beja) no contexto do calcolítico do Sul de Portugal

Eduardo Porfírio¹, Rui Pedro Barbosa, Alexandre Valinho e Marco Costa²

RESUMO:

A execução das medidas de minimização de impactes sobre o património, a cargo da Palimpsesto, Lda., decorrentes do projecto “Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel”, relativo à implantação de condutas de abastecimento de água às freguesias rurais do concelho de Beja, da responsabilidade da EMAS, EEM, resultou na identificação junto ao Monte da Murteira, de uma série de estruturas escavadas no substrato geológico, morfologicamente muito variadas.

Após a realização de duas campanhas de escavação é possível concluir que existiu neste local uma ocupação

neo-calcolítica, materializada numa série de valados e “fossos” escavados no substrato geológico. Este tipo de estruturas permite integrar esta ocupação no âmbito das mais recentes problemáticas relativas ao povoamento calcolítico no Sul de Portugal, nomeadamente no que respeita aos designados recintos de fossos. Detectaram-se ainda, vestígios de outros períodos mais recentes, tais como um silo do período romano e entulheiras da Época Moderna/Contemporânea relacionados provavelmente com a ocupação do Monte vizinho.

ABSTRACT:

The undertaken of the historical environment (heritage) impact minimization measures” promoted by EMAS, EEM on the “Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel” resulted in the identification of a series of structures dug in the geological substratum near Monte da Murteira, with various morphologies.

After two seasons of archaeological excavation it is possible to conclude that this site had an neo-chalcolithic occupation visible in a series of ditches excavated/dug in

the subsoil. This type of structure places the occupation in the context of the more problematic discussions related to the chalcolithic settlement strategies in the south of Portugal.

Also recorded were remains from posterior occupations, namely a silo and fillings from Modern/contemporary period that are most probably linked to the occupation of Monte da Murteira

1 - Palimpsesto, Lda. Apartado 4078, 3031 – 901 Coimbra. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. E-mails: eduardoporfirio@palimpsesto.pt.

2 - Palimpsesto, Lda. Apartado 4078, 3031 – 901 Coimbra.

ANTECEDENTES E ENQUADRAMENTO DA INTERVENÇÃO

O sítio Murteira 6 (Mombeja/Beja) foi referenciado pela equipa responsável pelo acompanhamento arqueológico do projecto “*Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel*”. Este projecto da responsabilidade da EMAS, Empresa Municipal de Água e Saneamento de Beja EEM, consistia na construção do novo reservatório de Mombeja e na instalação de uma conduta para abastecimento de água às freguesias rurais do concelho de Beja.

Os vestígios arqueológicos que possibilitaram a identificação de Murteira 6, consistiam em fragmentos

de cerâmica comum e de construção do período romano e das Épocas Moderna e Contemporânea, recolhidos nas unidades de enchimento de estruturas escavadas no substrato geológico. O local de recolha deste conjunto de materiais situava-se junto de um caminho rural que passa muito próximo ao monte da Murteira, seguindo posteriormente na direcção de Beringel. Após uma observação prévia ao conjunto destas ocorrências arqueológicas, verificou-se que correspondiam a um conjunto morfológicamente variado de estruturas escavadas no “caliço” brando desta região.

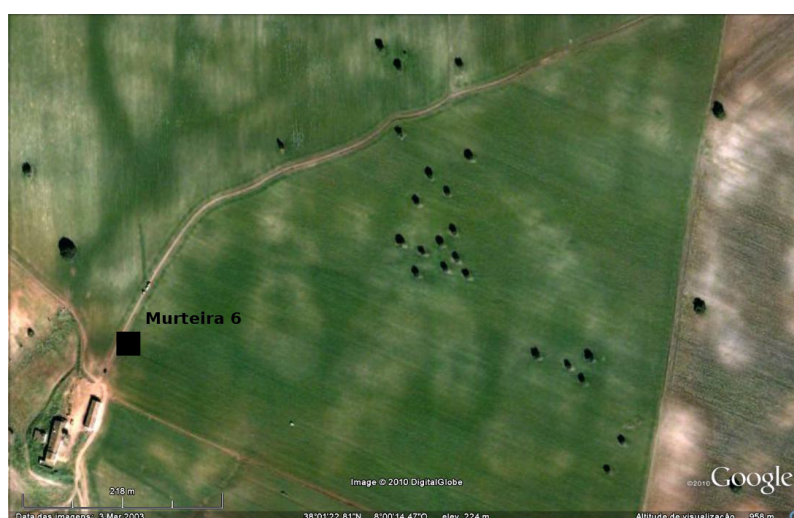


Fig. 1 – Implantação topográfica do sítio Murteira 6.

Posteriormente, verificou-se que as prospecções realizadas para a elaboração da *Carta de Património Arqueológico e Arquitectónico (CPAA)* de Beja haviam já comprovado o potencial arqueológico da área localizada nas envolências do Monte da Murteira. Deste trabalho, resultou a identificação de cinco sítios cronologicamente enquadráveis na Pré-História, no período Romano e até mesmo na Época Moderna (Ricardo e Grilo, no prelo).

Numa prospecção realizada às imediações do mais recente sítio arqueológico designado pelo topónimo Monte da Murteira, não foi possível identificar à superfície do terreno material de cronologia pré-histórica, os poucos fragmentos cerâmicos recolhidos correspondiam essencialmente a cerâmica comum fabricada à roda.

Por outro lado, não foi possível relacionar o local com nenhum dos sítios já referenciados na *CPAA* de Beja (Ricardo e Grilo, no prelo), razão pela qual lhe foi atribuída a designação Murteira 6.

De referir que as cronologias atribuídas aos sítios

inventariados por Isabel Ricardo e Carolina Grilo relacionam-se directamente com as diversas fases de ocupação documentadas na escavação de Murteira 6. Assim, merecem uma referência especial os locais designados por Monte da Murteira 3 e 5, onde foram recolhidos respectivamente um provável percutor e um seixo talhado em quartzito, que poderão corresponder a contextos datáveis da pré-história recente. O período romano encontra-se representado no sítio Monte da Murteira 1, caracterizado por uma mancha de distribuição de materiais constituída por cerâmica comum e de construção, fragmentos de *dolia*, ânfora e pesos de tear. As ocupações de períodos mais próximos da actualidade encontram-se representadas nos sítios Monte da Murteira 2 e 4, caracterizados essencialmente por fragmentos de cerâmica comum e materiais de construção. No primeiro destes locais recolheram-se ainda fragmentos de cerâmica vidrada e de alguidares brunidos (Ricardo e Grilo, no prelo).

A topografia desta zona caracteriza-se por ser pouco acidentada, decorrendo os trabalhos numa faixa de terreno com uma suave inclinação ascendente no sentido Sul – Norte, rodeada por duas pequenas linhas de água sub-afuentes da Ribeira de Santa Vitória. A zona localizada imediatamente a Nor-noroeste do sítio Monte da Murteira 6 é drenada por várias linhas de água, existindo também nas proximidades vários poços e nascentes. A abundância de água nesta zona, pelo menos quando comparada com as envolências, reflecte-se actualmente não só no tipo de vegetação, mas também na existência na Carta Militar de vários topónimos relacionados com hortas (Horta das Posas e Horta da Fonte Faia).

A potencialidade desta zona ao nível dos recursos hídricos, conjugada com a fertilidade dos solos terão sido sem dúvida factores determinantes para a fixação humana nesta área ao longo dos tempos.

O relevo desta área integra-se perfeitamente na peneplanície alentejana que, nesta zona em específico, caracteriza-se por ondulações muito pouco acentuadas com cotas que variam entre os 200 e os 230 metros. Esta situação evolui para uma aplanagem quase perfeita

nas proximidades de Santa Vitória e de Beja (Oliveira 1992: 11). Unidade fundamental do relevo alentejano, caracteriza-se por ser relativamente estável, formando-se a partir dela, através de fenómenos de deslocação tectónica e de erosão, a esmagadora maioria dos elementos morfológicos desta região (Feio, 1952: 31 e Oliveira, 1992: 11). A homogeneidade paisagística desta região é interrompida pelos relevos residuais da Serra de Beringel e dos morros de Beja que se impõem com especial evidência no horizonte desafogado típico desta zona do Alentejo (Oliveira, 1992: 12 – 13).

A nível geológico a zona do Monte da Murteira situa-se na Zona Sul Portuguesa, mais propriamente no sector denominado Antiforma do Pulo do Lobo, na área da Formação de Santa Iria, pertencente ao Grupo Ferreira-Ficalho. Esta unidade é caracterizada por uma “...alternância de pelitos, siltitos e grauvaques...” Na zona imediatamente a Norte dá-se a transição para a Formação da Horta da Torre, tendo sido identificados nesta passagem “... raras intercalações de metavulcanitos básicos...” (Oliveira, 1992: 32).

A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

No decurso do acompanhamento, verificou-se que a área com vestígios arqueológicos afectada pela vala da “*Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel*”, apresentava um comprimento aproximado de 61 metros. A localização da conduta entre a berma de um caminho

de terra batida e um campo agricultado, assim como as questões legais inerentes à propriedade do terreno, condicionaram a escavação arqueológica, reduzindo as áreas disponíveis para a implantação das sondagens.



Fig. 2 – Vista geral da área de implantação do sítio Murteira 6.

Após a limpeza e observação do perfil da vala verificou-se que a totalidade da camada de solo que cobria o substrato geológico, fora completamente remobilizada pela actividade agrícola, o que aliás acontece frequentemente neste tipo de sítios. A escavação das primeiras sondagens confirmou estratigraficamente esta situação, quer através do registo de numerosas marcas de arado no substrato geológico, quer através da identificação de numerosas perturbações estratigráficas que consistem basicamente na mistura de sedimentos argilosos com os “caliços”.

Foi realizada uma primeira intervenção arqueológica que consistiu na escavação de 25 m² distribuídos por sete sondagens, que tinham como objectivo proceder

à avaliação de outras tantas estruturas identificadas na vala. Concluída esta fase, foi necessário proceder ao estudo de novos contextos entretanto identificados e avaliar com maior profundidade as características, a funcionalidade e a cronologia das realidades intervencionadas na primeira fase de intervenção.

Deste modo, a segunda fase de escavação arqueológica em Murteira 6, contemplou a escavação de uma área de cerca de 41 m². Após a conclusão dos trabalhos arqueológicos as sondagens foram cobertas com manta de geotêxtil e posteriormente aterradas com os depósitos sedimentares provenientes da sua escavação.

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS REALIZADOS E PRINCIPAIS RESULTADOS

No decurso das duas fases da intervenção arqueológica realizada neste local documentaram-se, várias fases de ocupação datáveis do período Neo-Calcolítico, Romano e da Época Moderna. Esta última fase está representada por grandes entulheiras de configuração semicircular escavadas no substrato geológico. Os depósitos argilosos que preenchiem estas estruturas envolviam inúmeros blocos de pedra,

material de construção, cerâmica comum e ainda alguns restos faunísticos. Considerados na sua totalidade estes estratos revelam uma utilização relacionada com a deposição de entulhos. Esta constatação é ainda reforçada pelo facto de se terem identificado fragmentos do mesmo recipiente distribuídos por várias unidades estratigráficas.



Fig. 3 – Vista geral da entulheira da Época Moderna identificada na sondagem 6.

O período romano está representado por uma única estrutura escavada nos sedimentos de um contexto pré-histórico. A estrutura [1215] apresentava uma profundidade máxima que rondava os 2 metros e uma largura máxima de 1,20 metros. Encontrava-se preenchida por quatro depósitos argilosos de formação antrópica com inúmeras pedras e blocos de “caliço”, que forneceram para além de fragmentos cerâmicos incaracterísticos vários elementos de *tegula* e *later*. O aparente isolamento deste contexto devido à inexistência de outros estratos relacionáveis com uma ocupação do período romano, associado à escassa

representatividade do material arqueológico exumado no seu interior condiciona a sua interpretação funcional. Assim, e considerando também a irregularidade do perfil da estrutura [1215], optou-se por classificá-la como uma fossa/silo. Esta atribuição é baseada principalmente no facto da amortização final da estrutura ter sido realizado com enchimentos constituídos principalmente por materiais de construção extremamente fragmentados, mas também na inexistência de elementos que contribuam para elucidar a natureza da sua utilização inicial.

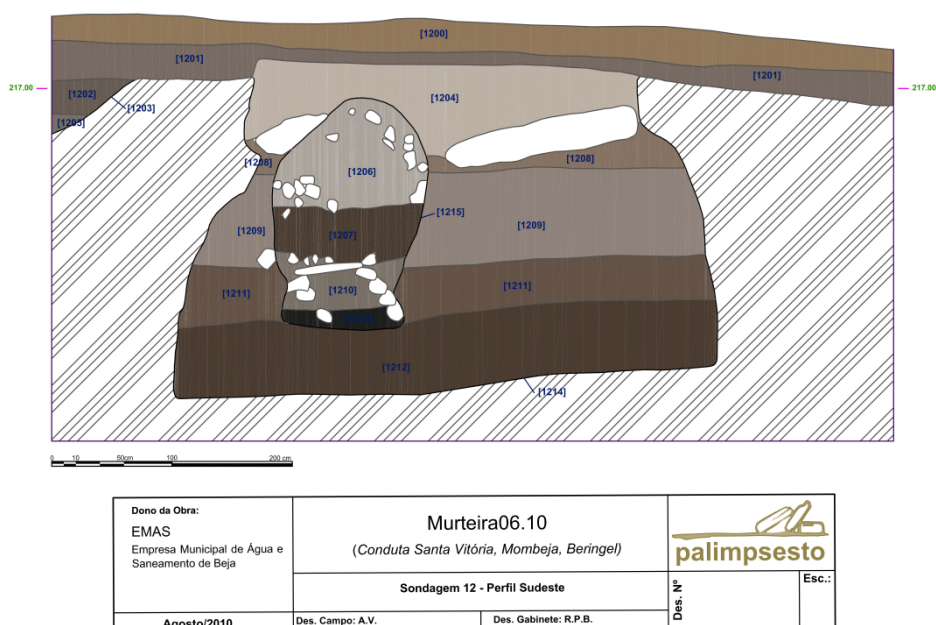
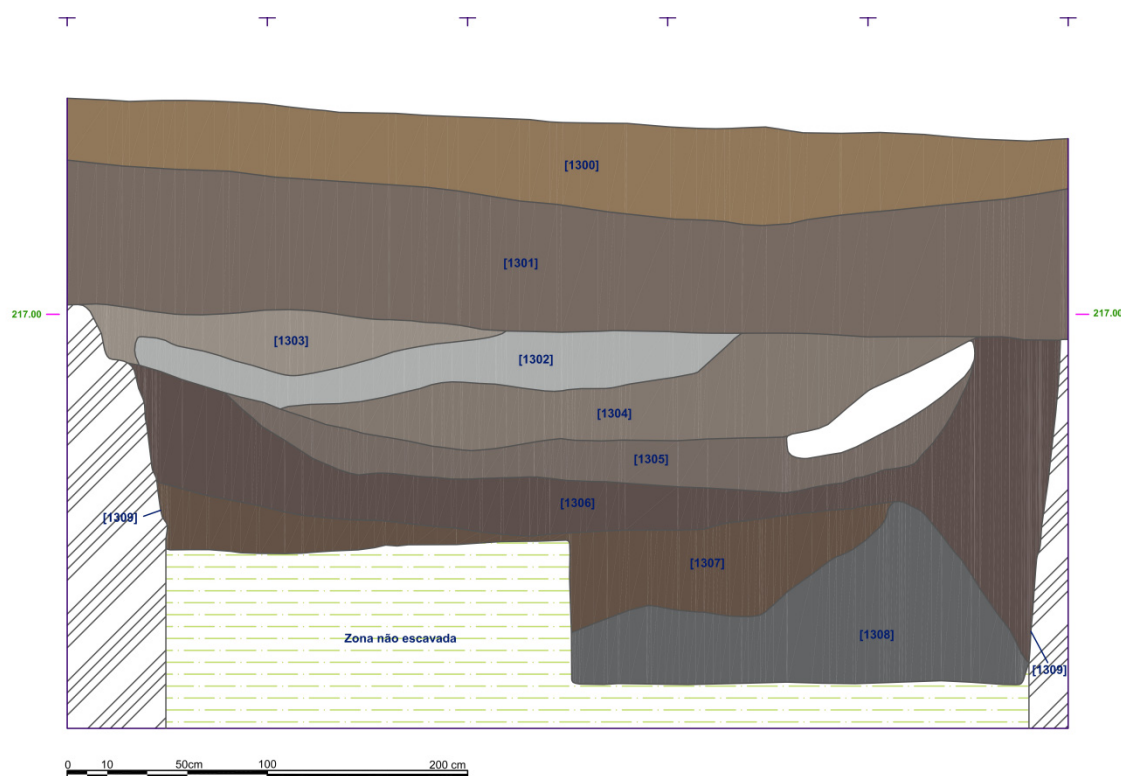


Fig. 4 – Perfil da Estrutura [1215] escavada nos sedimentos de [1214].

A existência de contextos do período Romano nesta zona era de algum modo expectável, pois no decorrer da primeira fase de trabalhos haviam sido identificados vários fragmentos de cerâmica de construção e um bojo de ânfora.

Nas sondagens 12 e 13 identificaram-se duas estruturas de grandes dimensões escavadas no substrato geológico, respectivamente [1214] e [1309], cuja configuração não foi possível determinar

na sua totalidade em função da dimensão da área intervencionada. A partir da análise dos perfis verifica-se que a largura da estrutura [1214] é de 4,5 metros por uma profundidade máxima de 2,7 metros. A estrutura [1309] não foi possível intervencionar na sua profundidade total, no entanto, as características registadas no decurso da sua escavação, nomeadamente a largura 4,65 metros, apontam para uma realidade de algum modo semelhante a [1214].




Dono da Obra: EMAS Empresa Municipal de Água e Saneamento de Beja	Murteira06.10 (Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel)		 palimpsesto
	Sondagem 13 - Perfil Sudeste		
Agosto/2010	Des. Campo: A.V.	Des. Gabinete: R.P.B.	Des. Nº

Fig. 5 – Perfil da Estrutura [1309].

A análise da sequência estratigráfica de [1204] e [1309] não revelou nenhum elemento correlacionável com a utilização das estruturas, documentando-se apenas estratos de provável formação natural que envolvem vários blocos de calço, alguns de grande e de muito grande dimensão, resultantes da desagregação das paredes.

Tipologicamente, a estrutura pré-histórica melhor documentada em Murteira 6 é constituída por valas ou canais de perfil em “U” escavadas no solo base. As profundidades máximas variam entre os 0,40m e os 0,70m, enquanto a largura máxima apresenta valores situados entre os 0,80m. e o 1,20m. Identificaram-se quatro troços de valas/canais, não coincidentes entre si, designados pelas letras A, B, C e D.

Com os dados actuais não é ainda possível estabelecer uma relação inequívoca entre os vários segmentos de vala/canal. Verifica-se no entanto que a construção do troço C implicou a intercepção dos

sedimentos do troço D. Posteriormente ao abandono e colmatção da vala/canal C, parte dos seus depósitos de preenchimento foram removidos para a escavação de uma fossa de morfologia sub-circular, fundo aplanado, com cerca de um metro de profundidade.

A sequência sedimentar depositada no interior deste tipo de estrutura não é muito esclarecedora quanto à sua funcionalidade ou às actividades aí praticadas. Na sua maioria tratam-se de depósitos de matriz essencialmente argilosa com inúmeras inclusões de blocos e nódulos de “calço”. Existem também alguns sedimentos arenosos resultantes da desagregação dos “calços”. No interior de algumas estruturas do tipo vala/canal, junto à sua base, registou-se um sedimento arenoso de granulidade fina que deixa antever uma funcionalidade relacionada com a água. Relação esta, que de momento e com os dados disponíveis não nos é possível percepcionar na sua totalidade.

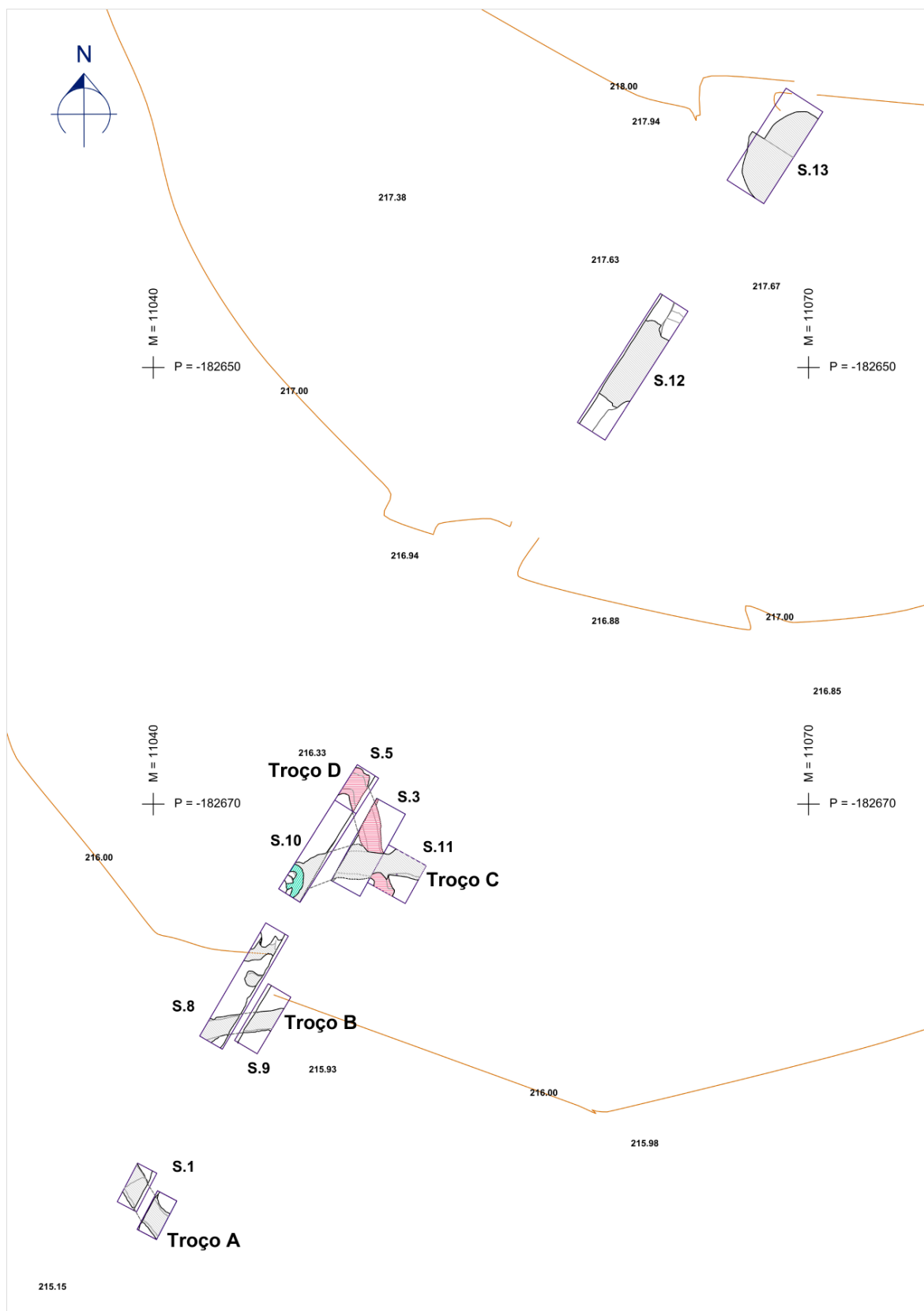


Fig. 6 – Planta geral das estruturas neo-calcolíticas identificadas em Murteira 6.



Fig. 7 – Troço A da estrutura de tipo vala/canal.



Fig. 8 – Troço C da estrutura de tipo vala/canal

O material arqueológico recolhido encontra-se actualmente em fase de estudo, no entanto, é possível avançar com uma primeira e extremamente sucinta caracterização do conjunto atribuível à pré-história.

A componente artefactual é constituída maioritaria-

mente por fragmentos cerâmicos, dos quais, alguns permitiram uma classificação formal e tipológica. De referir a presença de pratos assim como de taças e potes de bordo sem espessamento. Ao nível dos elementos de preensão predominam os do tipo mamilo ou pega mamilada.

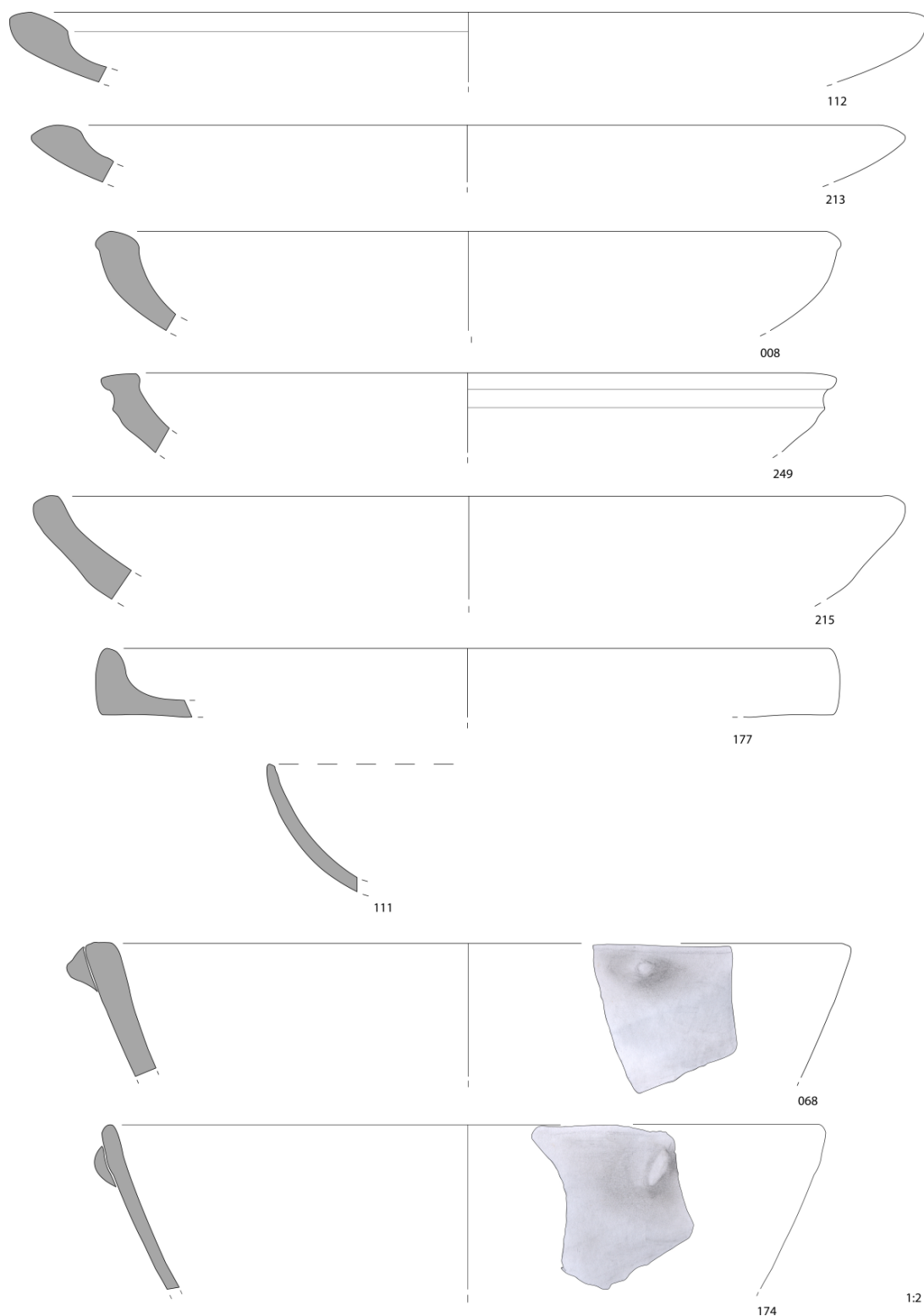


Fig. 9 – Cerâmica do período neo-calcolítico recolhida em Murteira 6.

A indústria lítica é bastante escassa, assim, para além de um dormente em granito, é constituída exclusivamente por elementos de pedra talhada, compostos na sua maioria por lascas e fragmentos de núcleos sobre quartzo, quartzito e sílex e por uma provável raspadeira sobre lasca de quartzo.

CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS FUTURAS

Apesar do carácter extremamente preliminar desta notícia, é possível extrair algumas considerações a partir do momento em que se conjugam os elementos agora apresentados com algumas realidades arqueológicas conhecidas ao nível local e regional.

Convém referir em primeiro lugar, que à semelhança do sítio Cortes 1, localizado a cerca de 2400 m. a Nordeste (Cf. artigo neste volume), também em Murteira 6 se documentaram contextos arqueológicos de vários períodos históricos e pré-históricos. Situação que como já referimos ficará a dever-se à excepcional fertilidade agrícola dos solos desta região, conjugada com uma elevada disponibilidade ao nível dos recursos aquíferos.

O período cultural representado em Murteira 6 com maior expressividade ao nível dos contextos arqueológicos intervencionados, é sem dúvida o Neo-Calcolítico, evidenciando-se igualmente a existência de várias fases de construção/remodelação do espaço ocupado, situação que já havia sido constatada para outros contextos do género (Márquez Romero, Jiménez Jaiméz, 2008).

No entanto, as dúvidas quanto à atribuição de uma funcionalidade aos diversos troços de valas/canais e às duas grandes estruturas [1214] e [1309] mantêm-se. Noutros sítios arqueológicos com estruturas de índole semelhante são várias as funções que a elas têm sido atribuídas, desde as de carácter estritamente defensivo, às de delimitação/organização do espaço, e até mesmo funções ao nível da hidráulica e do abastecimento de água às unidades domésticas (Grilo, 2007; Hurtado, 2008; Mórán, 2008).

No que toca a este último caso, as características de alguns sedimentos de grão muito fino identificados junto à base das valas/canais escavados em Murteira 6 parecem apontar para a possibilidade de relacionar de algum modo estas estruturas com a água. No entanto, não possuímos de momento qualquer outro elemento que contribua para caracterizar mais pormenorizadamente esta questão.

Relativamente à questão cronológica o carácter preliminar do estudo dos materiais arqueológicos, assim como a reduzida expressividade da componente cerâmica recolhida, possibilitam apenas a classificação de Murteira 6 num vasto período que deverá ter situar-se entre a segunda metade do IV e o III milénio.

Autores como A. Valera têm abordado a problemática dos recintos de fossos segundo uma perspectiva cosmogónica, constatando a existência de relações vinculativas entre os pontos cardeais, o percurso de astros como o sol e a planta de sítios deste tipo, tendo Perdigões como um exemplo paradigmático. Estas interrelações parecem pressupor a existência de um planeamento prévio premeditado que terá presidido à construção destes locais (Valera, 2003 e 2008). O mesmo autor relaciona a construção destes sítios com uma intervenção intencional das sociedades humanas sobre a paisagem envolvente, apropriando-se dela no sentido de a organizar e estruturar. Esta situação ocorreria num contexto em que as comunidades humanas assumem plena consciência do fosso existente entre o seu mundo e a natureza envolvente, funcionando estes locais como centros aglutinadores do povoamento e núcleos fundamentais para a estruturação identitária das suas populações (Valera, 2008).

De momento, os trabalhos realizados no sítio Murteira 6 apenas permitem adicionar um novo sítio a uma extensa lista de locais da segunda metade do IV e do III milénio a. C. com estruturas de tipo semelhante (Valera e Filipe, 2004). As duas intervenções realizadas são claramente insuficientes para averiguar a funcionalidade, a extensão e a configuração das estruturas. Desconhecemos também a cronologia das várias fases de construção/remodelação identificadas.

A resolução da maioria destas questões está em grande medida dependente da realização de análises laboratoriais, de trabalhos de prospecção geofísica e de estudos de foto-interpretação, como os que têm sido realizados para locais de características semelhantes.

Neste momento desconhecemos também a cronologia precisa das várias fases de construção/remodelação identificadas,

Só após a aquisição de elementos como a planta das estruturas e a datação absoluta das fases de construção/remodelação, será possível avançar no sentido de contextualizar mais aprofundadamente a dinâmica

ocupacional de Murteira 6 com a de outros locais cujo estudo se encontra num estado mais avançado (Hurtado, 2008; Morán, 2008; Valera, 2010; Valera e Filipe, 2004).

BIBLIOGRAFIA:

- FEIO, M. (1952) – *A evolução do relevo do Baixo Alentejo e Algarve. Estudos de Geomorfologia*. Instituto para a Alta Cultura - Centro de Estudos Geográficos. Lisboa.
- GRILO, C. (2007) – O povoado pré-histórico do Alto do Outeiro, Baleizão, Beja. *Vípasca*. 2.^a serie. 2, 95-106.
- HURTADO, V. (2008), Los recintos con fosos de la Cuenca Media del Guadiana. *Era-Arqueologia*. 8, 183-197.
- MÁRQUEZ ROMERO, J. E. e JIMÉNEZ JAIMÉZ, V. (2008) – Claves para el estudio de los Recintos de Fosos del sur de la Península Ibérica. *Era-Arqueologia*. 8, 138-171.
- MÓRAN, E. (2008) – Organização espacial do povoado de Alcalar. *Era-Arqueologia*. 8, 138-146.
- OLIVEIRA, José Tomás (coord.), (1992) – Notícia explicativa da Folha 8 da Carta Geológica de Portugal. Direcção Geral de Geologia e Minas. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- RICARDO, I. e GRILO, C. (no prelo) – Carta de Património arqueológico e arquitectónico. Beja – Caderno de Mombeja. Câmara Municipal de Beja.
- VALERA, A. C. (2003) – A propósito de recintos murados do 4º e 3º milénio AC: dinâmica e fixação do discurso arqueológico, in JORGE, S. O., Recintos murados da Pré-História recente. Porto/Coimbra. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, 149-168.
- VALERA, A. C. (2008) – Mapeando o Cosmos: uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-história Recente. *Era-Arqueologia*. 8, 112-127.
- VALERA, A. C. (2010) – Construção da temporalidade nos Perdígões: contextos neolíticos na área central. *Aparentamentos de Arqueologia e Património*. 5, 19-26.
- VALERA, A. C. e FILIPE, I. (2004) – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo), Novos dados e novas problemáticas no contexto da Calcolitização do Sudoeste peninsular. *Era-Arqueologia*. 6, 138-146.